

E se os Arqueólogos andassem pelas lojas de antiguidades?

Em princípio, será difícil de imaginar algo mais nocivo para a actividade arqueológica do que o comércio de antiguidades, que, de forma mais clara ou mais envergonhada, estimula as escavações clandestinas, e, por outro lado, artificialmente valoriza peças que estão desprovidas de qualquer valor científico, ou mesmo cultural, devido ao facto de surgirem totalmente descontextualizadas, tornando, por isso, impossível a definição da sua real origem e consequentes datação e enquadramento social.

Convindo recordar a opinião de um arqueólogo: **“É curioso como as pessoas não percebem como não há nada de mais abstracto, em si, do que um “caco”, por muito grande e decorado que seja – sem contexto que lhe daria sentido, sem a base de dados que talvez lho venha a dar, por si tem apenas um valor de fetiche”**. (Vitor Oliveira Jorge, *“A inquietude das pedras. Reflexões e experiências de um arqueólogo, ed. Afrontamento, Lisboa, 2003, pág. 70.”*)

Porém, quando o comércio de antiguidades se reporta a épocas mais recentes, é altamente provável que deixem de fazer sentido as objecções que inicialmente se formularam, sendo, desde logo, de sublinhar que um bom número das peças produzidas há quatro ou cinco séculos, se destinavam ao mercado de “preciosidades” e, por isso, o seu estatuto, ainda hoje se mantém inalterável, desaparecendo a “descontextualização” que atrás se referiu.

Aliás, relativamente a algumas dessas peças, será possível traçar todo o seu trajecto temporal, desde o seu fabrico e passando pelos sucessivos possuidores que as detiveram e fruíram.

Donde resulta, em qualquer caso, que, para o estudo da Época Moderna, sempre será necessário levar em conta o comércio de antiguidades.

Porém, estas considerações ganham especial acuidade no nosso país, porque os principais antiquários dedicam boa parte da sua atenção a objectos artísticos ou decorativos que resultaram dos contactos dos europeus com o resto do Mundo que nasceram com a Expansão Portuguesa.

Ora, ainda há dias, em 25/09/09, um desses antiquários promoveu em Lisboa um conjunto de conferências que incluía boa parte dos especialistas, de vários pontos da Europa, que tinham estado na origem e preparação da exposição de Washington, *“Encompassing the Globe, Portugal and the World in the Sixteen and Seventeenth Centuries”*.

A qualidade dessas intervenções, grosso modo, pode considerar-se como tendo sido “excepcional” e aquela que se referia aos intercâmbios artísticos entre Portugal e África Ocidental, relevava tanto da Arqueologia como da História de Arte, sendo certo que, no que diz respeito à Época Moderna, será impossível erguer barreiras intransponíveis entre as duas disciplinas.

E, perante a relevância científica dessas conferências e perante a atenção que os antiquários portugueses têm prestado aos vestígios associáveis à Expansão Portuguesa, apenas resta responder pela afirmativa à pergunta inicialmente formulada...

João Lizardo, Outubro de 2009



Four Continents

ART AND THE PORTUGUESE EXPANSION

Quatro Continentes

ARTE E A EXPANSÃO PORTUGUESA

CONFERENCE | CONFERÊNCIA | 25/09/2009

COINCIDING WITH THE EXHIBITION

COINCIDINDO COM A EXPOSIÇÃO

ENCOMPASSING THE GLOBE

Portugal and the World in the 16th and 17th Centuries

Portugal e o Mundo nos séculos XVI e XVII

AT THE | PATENTE NO

Museu Nacional de Arte Antiga

Lisbon | Lisboa



Rua da Misericórdia, 43
1200-270 Lisboa, Portugal